

Fora da sala, mas dentro do Ensino: construindo conceitos e valores ambientais através da exploração de Restinga

Beatriz Nunes Cosendey¹

Catia Moura Militão²

Simone Rocha Salomão³

Resumo: O uso de recursos lúdicos em sala de aula é defendido como sendo fundamental para um aprendizado significativo, facilitando a internalização e assimilação de determinado assunto. Nesse sentido, temos as atividades de campo, caracterizada como “estudo *in loco* de uma realidade extraclasse”, que permite uma análise investigativa e a aproximação do aluno com o ambiente. Diante disso, propusemos uma atividade de campo em uma área de Restinga com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, visando mostrar as diferentes estruturas de vegetação; exemplares da fauna local; discutir sobre distúrbios que afetam a área; e exemplificar pesquisas científicas na área. De forma geral, acreditamos que houve aproximação dos alunos com este ambiente presente em seus cotidianos, além de notarmos uma participação ativa deles devido aos conceitos registrados e às dúvidas e curiosidades expressas. Assim, acreditamos que a saída de campo foi eficiente em atender a atividade e abranger os assuntos propostos.

Palavras chave: restinga, atividade de campo, educação ambiental, degradação ambiental, conservação.

1 Doutoranda pelo curso de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bcosendey@gmail.com

2 Graduanda em Biologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, cm.militao@gmail.com

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, simonesalomao@uol.com.br

Introdução

O uso de recursos lúdicos em sala de aula é reconhecido como sendo fundamental para um aprendizado significativo de todos os conteúdos. É de se ressaltar, no entanto, que quando nos adentramos no campo da interação com a natureza, essa questão torna-se ainda mais importante. Segundo o apanhado feito por Loures (2009), basear-se no interesse dos alunos para propor uma educação diferenciada conduz a uma forma mais fluída e eficiente de aprendizado.

Nesse sentido, temos as atividades de campo que, ao mesmo tempo em que auxiliam uma melhor compreensão do ambiente que está sendo estudado por parte dos alunos, permitem uma melhor exploração dos recursos disponíveis e uma diversificação do tema por parte dos professores/mediadores (VIVEIRO e DINIZ, 2009). A atividade de campo, caracterizada como “um estudo *in loco* de uma realidade extraclasse” (FERNANDES, 2007, p.22), permite uma análise investigativa e uma aproximação do aluno com o ambiente, sendo considerada uma ferramenta eficiente para uso nas aulas de Ciência e Biologia (FERNANDES, 2007; MARANDINO et al., 2009). No entanto, há de se trabalhar as potencialidades dessa atividade, aproveitando o ambiente para se fornecer subsídios para a construção do conhecimento sobre determinado assunto (VIVEIRO e DINIZ, 2009), atentando para não se restringir a um mero passeio de lazer.

Ao se tratar de questões ambientais, a motivação e interesse das pessoas pelo assunto são fundamentais para se gerar ações de conservação e planos de manejo efetivos (VIVEIRO e DINIZ, 2009; BARBOZA et al., 2013). Como apontado por Roos e Backer (2012), as pessoas se sentem mais estimuladas a participar de uma atividade quando possuem familiaridade com o que está sendo tratado e enxergam-se como integrante do projeto, atuando tanto no entendimento do problema quanto na busca por soluções. Ainda, segundo Peres e colaboradores (1994), a participação da população é imprescindível para que o trabalho ecológico não seja em vão, sobretudo em áreas onde a relação dos humanos com a natureza é muito íntima e frequente.

A proposta

Os ambientes de restinga caracterizam-se, atualmente, como um dos ecossistemas brasileiros mais impactados pela ação humana. Ao mesmo tempo em que possuem uma flora e fauna única e endêmica, também se situam nas zonas mais urbanizada do país, fazendo com que sofram impacto

frequente da especulação imobiliária, responsável por distúrbios de grande e pequena escala (MMA, 2018).

Apesar da proximidade física das pessoas com esse ecossistema, nem sempre há uma proximidade “emocional”, fazendo com que muitas vezes não haja um conhecimento sobre a fauna e flora do ambiente que tantas vezes frequentam. Segundo autores como Cuba (2010) e Chalita (2002), o ambiente escolar permite debates e discussões que auxiliam a construção de um senso crítico dos participantes, proporcionando uma visão holística sobre o assunto e auxiliando o desenvolvimento de uma consciência sobre a valorização ambiental.

Tendo isso em vista, e visando proporcionar uma situação de facilitação de aproximação e de interesse entre moradores locais e um ambiente de restinga, desenvolvemos uma atividade de campo com crianças moradoras de uma área próxima a uma restinga urbanizada. Assim, pretendíamos compartilhar conhecimentos sobre o ambiente e os organismos ali presentes e gerar estímulos para a conservação dos mesmos. Mais objetivamente, tínhamos, para esta atividade, quatro propostas: i- mostrar aos alunos diferentes estruturas de vegetação existentes em uma restinga; ii- mostrar exemplares da fauna local; iii- discutir como alguns distúrbios afetam a área; e iv- dar exemplos de pesquisas científicas que podem ser realizadas na área.

Explorando a restinga

O projeto foi desenvolvido em uma escola pública da região litorânea do estado do Rio de Janeiro. Escolhemos esta escola por estar localizada próxima à Restinga de Maricá, facilitando o deslocamento das crianças para campo. Realizamos a atividade de campo com a turma do 6º ano do Ensino Fundamental, por ser o tema meio ambiente previsto no currículo dessa série. Assim, contávamos com uma turma de 27 alunos que tinham uma faixa etária entre 11 e 12 anos.

Para a realização da atividade, tivemos o apoio da professora de Ciências da turma e da Diretora de escola que conseguiram um micro-ônibus escolar da prefeitura para o deslocamento dos alunos até a restinga. Por medida de segurança, foi vedada a participação dos alunos que não foram autorizados pelos responsáveis. Uma vez que a atividade de campo teve a duração de um dia e foi realizada dentro da própria cidade (cerca de 2 km de distância da escola), pode ser referenciada também como “saída” ou “visita” de campo (FERNANDES, 2007).

Na restinga, pedimos para que os participantes se dividissem em grupos de 3 ou 4 e que nenhum aluno se afastasse. Começamos nossa caminhada pela zona aberta de moitas, mostrando aos alunos a estrutura física do local. Para ajudar a provocar a curiosidade deles, distribuímos aos grupos uma **checklist** contendo imagens de exemplares da fauna e flora locais e de distúrbios comuns na área. O objetivo era que explorassem o ambiente e discutissem sobre os itens encontrados.

Os alunos demonstraram interesse pela proposta, fazendo uma espécie de “caça ao tesouro” em busca dos itens ilustrados e preenchendo avidamente a lista. Alguns estudantes, inclusive, relataram ter visto itens que não estavam dentre os exibidos. Assim, de forma lúdica, as crianças foram estimuladas a examinar na prática um ambiente de restinga, observando e analisando detalhadamente sua estrutura física e biológica.

Ainda na zona de moitas, discutimos sobre a variedade de plantas existentes e a importância dessa diversidade para os animais locais. Aproveitamos os recursos disponíveis para, nos termos de Viveiro e Diniz (2009), desfrutar das potencialidades do ambiente, proporcionando uma experiência mais viva e lúdica aos alunos. Assim, utilizamos dos exemplares de vegetação local para exemplificar os diferentes recursos que as estruturas da vegetação podem proporcionar. Dessa forma, discutimos, por exemplo, como as bromélias acumulam água e pequenos insetos, que podem servir de alimento para animais maiores; como os arbustos fechados fazem sombra, enquanto na beira das moitas os animais conseguem temperatura mais alta para se aquecerem; como os animais ficam mais visíveis aos seus predadores em lugares mais expostos, entre outros. A partir disso, discutimos os impactos que a degradação do ambiente e as mudanças climáticas poderiam causar para a fauna local.

Para a atividade de pesquisa científica, levamos um modelo de sensor de temperatura (Hobbo Data Logger), visando proporcionar aos alunos uma vivência de amostragem de campo. Antes de começar esta atividade, explicamos que muitos animais, como por exemplo os lagartos, dependem da temperatura do ambiente para realizarem suas atividades vitais. Desta forma, torna-se importante medir a temperatura do ambiente para se ter um espectro da temperatura disponível para os organismos, viabilizando-se assim investigar possíveis alterações proporcionadas pelas mudanças climáticas. Para iniciar a atividade, distribuímos aos grupos modelinhos de cano de PVC para que eles debatessem sobre os melhores lugares (micro habitats) para medir a temperatura do ambiente, imaginando, no caso, lugares onde lagartos termorregulariam. Um grupo por vez, checávamos o lugar

escolhido e pedíamos que os alunos justificassem o motivo da escolha, enquanto características sobre a ecologia térmica dos lagartos eram comentadas (figura 1 A e B).

Figura 1: Exemplar de Hobbo Data Logger, com dois modelos de cano de PVC acoplados (A). Alunos buscando o melhor local para se colocar os modelos.

